

Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro

Pedro Carvalho Oliveira¹

Resenha recebida em 08/11/2016 e aprovada em 27/12/2016.

Diante da atual maré conservadora que se alastra pelo Brasil, muito tem se falado a respeito de uma “nova direita”. Após as eleições presidenciais de 2014 que culminou com a reeleição da presidenta recentemente deposta por impeachment Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, o termo tem surgido com frequência. Isso tem ocorrido principalmente como uma consequência da visibilidade que organizações como o Movimento Brasil Livre (MBL), Revoltados Online e Vem Pra Rua, entre tantas outras, tem conquistado. Os diálogos que estes estabelecem com a sociedade possuem referências menos institucionais, estando mais atrelados a uma linguagem “modernizada” e fortemente íntima dos meios informacionais. São resultantes dos gritos de “sem partido” proferidos nas manifestações de junho/julho de 2013, gerando um vácuo político que esses movimentos ocuparam. O que propõem politicamente, no entanto, não é tão novo e é consonante com partidos políticos com os quais estão intimamente próximos e que buscam também se adequar aos novos tempos.

O livro “Direita volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro”, organizado pelos cientistas políticos Sebastião Velasco e Cruz e André Kaysel, bem como pelo economista paraguaio Gustavo Codas, é uma compilação de textos que analisam a presença da direita no Brasil para compreendermos o que a levou, nesse momento, a ocupar as ruas e estabelecer-se politicamente de forma tão intensa. Em meio aos seus quatorze capítulos escritos por profissionais de diversas áreas das ciências humanas, a obra lançada em 2015 expõe os vastos terrenos nos quais a direita atua, qual a sua história política no país e como o Brasil possui uma cultura política fértil para que ela se torne frutífera. Essas minuciosas investigações tentam nos revelar a face dessa suposta “nova direita”.

O capítulo “A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador”, de autoria dos cientistas políticos Adriano Codato, Bruno Bolognesi e Karolina Mattos Roeder, é essencial para o cumprimento desse objetivo. É nele que percebemos como a direita brasileira de hoje está articulada para, se necessário, conviver, mesmo que de forma mais afastada, com programas sociais e até mesmo com alianças situadas à esquerda. Isso porque no final dos anos 1990 a América Latina observou o crescimento e a chegada ao poder de governos progressistas, dentre eles o de Luís Inácio Lula da Silva no Brasil em 2002. Embora tentem marginalizar fervorosamente Lula e o PT, a direita que busca respaldo eleitoral hoje parece cautelosa em relação aos poucos, porém bem lembrados, programas sociais deixados pelo ex-presidente e sua sucessora, a presidenta Dilma.

Teria sido justamente a manutenção do PT no poder durante 13 anos – o qual a oposição acusa de populista, devido às suas ditas políticas sociais, que nos parecem mais políticas públicas – que, segundo os autores, permitiu que essa “nova direita”

ganhasse mais força como uma reação às políticas estabelecidas. Do mesmo modo, o predomínio da “velha direita” representada por políticos neoliberais, entre os anos de 1980-90, já havia propiciado a chegada da centro-esquerda no início do século XXI. Embora busque, como dizem os autores, redefinir seus programas e objetivos políticos a fim de se aproximar das conjunturas mais atuais, essa “nova direita” age por caminhos e com objetivos já conhecidos. O que muda é o seu modo de operar e de conversar com o que foi deixado pela centro-esquerda petista. No entanto, não poupam o uso de mecanismos para destruí-la.

A grande mídia tem sido um deles. As análises em torno do papel da mídia no golpe que se delineava desde 2013 com as manifestações populares de junho/julho, mostrando os diversos meios de comunicação como comparsas dos interessados na deposição de Dilma e criminalização do PT (espetacularizando a Operação Lava Jato e encobrindo os acusados opositores), tendem sempre a comparar o que se viu recentemente com o que houve antes do golpe dado sobre João Goulart em 1964. Mesmo que o contexto e as motivações, dentre tantas outras coisas, tenham sido diferentes no passado, o papel da mídia e seu posicionamento foram apenas uma das muitas semelhanças. É disso que trata o capítulo “A direita e os meios de comunicação”, do jornalista, sociólogo e cientista político Venício A. de Lima.

O autor defende que a redemocratização brasileira ocorrida após 21 anos de ditadura militar não atingiu os meios de comunicação, sobretudo a imprensa e a televisão, que permaneceram fechados em pequenos grupos de grandes empresas. São aos interesses desses grupos que os meios de comunicação servem, pouco contribuindo para a manutenção de instrumentos democráticos. Ao contrário: esses oligopólios tendem a marginalizar movimentos sociais que buscam visibilidade, normalmente excluídos dos jogos políticos liberais que tendem a priorizar seus pares. Uma vez que o PT e sua frágil identidade progressista passaram a atender, ainda que pouco, demandas sociais de grupos subalternos, os conglomerados midiáticos trataram de transformá-lo num demônio a ser exorcizado. Nada tão diferente do que fizeram com Jango há 51 anos.

Em 1964, o golpe dado contra a democracia teve como pano de fundo a Guerra Fria e as pressões estadunidenses para impedir o avanço do comunismo entre os países da América do Sul, em sintonia com as elites empresariais das quais os grandes chefes das comunicações eram parte. O medo do comunismo e o insistente revesamento das elites no poder explicam, segundo o texto “Regressando ao regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras”, de André Kaysel, as razões pelas quais políticas progressistas são rechaçadas historicamente. Seria também por essa razão que os símbolos do passado, como o ódio ao comunismo que perpassa a história brasileira, são trazidos ao presente e reformados para serem aplicados à conjuntura atual. Nesse caso, o PT ganhou feições de organização comunista entre os manifestantes que foram jogados, de diversos lados, contra o governo. A necessidade das elites se manterem no poder explicaria, também, a fragilidade de nossas instituições democráticas desgastadas pelas incansáveis intervenções golpistas.

Há que se observar também a presença maciça de diversos grupos políticos espalhados pelo poder legislativo, cujas agendas são conservadoras por razões múltiplas e ganham robustez ao excluírem parcelas da sociedade, o que se garante por meio desse encolhimento da democracia. É o caso das bancadas evangélicas, às quais se dedica Julio Córdova Villazón no capítulo “Velhas e novas direitas religiosas na América Latina: os evangélicos como fator político”. Esse encolhimento da democracia se evidencia também na aceitação popular de que para conter a violência, é aceitável haver a interferência de instrumentos de exclusão e repressão como o exército e a polícia, ou

que a própria sociedade se defenda por meio de armas. É disso que trata Marco Antonio Faganello no capítulo “Bancada da bala: uma onda na maré conservadora”.

Essa ideia de uma maré conservadora sobre a qual nos referimos no início do texto seria formada majoritariamente por essa “nova direita”, os grandes meios de comunicação, as elites, as bancadas evangélicas, da bala e movimentos como os citados no início desse texto, que seriam suas ondas. Tentar compreender essa maré é o bem sucedido objetivo desse livro que, lançado antes do golpe efetivado contra a democracia e a legitimidade eleitoral em 2016, cerca os diferentes campos de atuação daqueles que lideraram o movimento golpista, ou aqueles para os quais o golpe foi conveniente de alguma forma. Além do mais, nos dá um interessante panorama sobre como tais manobras são recorrentes no Brasil.

Se pensarmos que nos últimos 90 anos apenas cinco presidentes cumpriram seus mandatos até o final, teremos uma noção da fragilidade de nossas instituições democráticas. Quando esses governantes tentam, de alguma forma, se aproximar de classes sociais menos favorecidas, como o caso de João Goulart e Dilma Rousseff, a fragilidade parece aumentar. É o resultado de uma permanência aguda das elites no poder, cuja consequência foi a construção de uma cultura política favorável aos seus recursos de manutenção, o que é retratado no livro diversas vezes. Além do mais, nesse mesmo período o Brasil viu regimes autoritários tomarem o poder mais de uma vez, sendo esses fortemente tecnocráticos, organizando o Estado de uma forma que a democracia apareça como menos viável em nome da segurança ou do bem-estar.

Em meio a cenários desse tipo, movimentos situados à extrema-direita e que se declaram abertamente adeptos de ideologias fascistas (ao contrário de alguns políticos que tentam amenizar essas características visando o eleitorado) podem ganhar espaço. Sobretudo quando os seus inimigos são os mesmos de muitos que se manifestam na rua contrários à esquerda, associada ao PT: os comunistas e os petistas, que acabam sendo tratados da mesma forma. A isso, infelizmente, a obra não se detém. Talvez em razão de organizações políticas neofascistas, cujas referências a políticas empreendidas no passado sejam mais diretas, não ocupam, ao menos ainda, um espaço ameaçador.

É sobre as direitas que estão mais próximas das arenas institucionais que os autores buscam se debruçar, o que fazem com sucesso. “Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro” é uma excelente obra para pensarmos como a direita vem se reorganizando no país, o que lhe permite ganhar tanto respaldo e como ela vem se comportando historicamente. Trata-se de uma obra de evidente importância para o tempo em que vivemos. Um tempo no qual a democracia se vê, mais uma vez, deixada de lado em nome de interesses daqueles que se viram excluídos do poder oficial mesmo que minimamente. A direita operou para que isso ocorresse e se há algo que precisamos saber tentando qualquer tipo de reversão, o referido livro pode, em parte, nos fornecer esses subsídios.

Notas

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. Financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe. Integrante do Laboratório de Estudos do Tempo Presente (LabTempo-UEM) e colaborador do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET-UFS). Orientador: Prof. Dr. Sidnei J. Munhoz. E-mail: pedro@getempo.org.

Referência bibliográfica

DIREITA, VOLVER! O RETORNO DA DIREITA E O CICLO POLÍTICO BRASILEIRO

PEDRO CARVALHO OLIVEIRA

VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.). *Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.